

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

O Evangelho de Lucas

Lição 09 - "A caminhada para Jerusalém".

Lucas caps. 17 e 18.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Continuando nossas considerações sobre o Evangelho de Lucas, é com alegria que podemos de novo estar juntos para o texto de hoje, nos capítulos 17 e 18

A jornada para Jerusalém continua. Estão atravessando os territórios da Samaria e Galiléia (17.11), chegando à etapa final da viagem, ao se aproximarem de Jericó (18.35). Tal como visto até agora na narrativa que Lucas nos apresenta dessa caminhada, ela se compõe de uma seqüência de ensinamentos, parábolas e milagres de Jesus que iam ocorrendo à medida que a caravana passava pelas vilas e cidades.

Jesus estava respondendo e ensinando aos fariseus, desde o verso 14 do capítulo anterior. Terminando sua palavra a eles, volta-se para os seus discípulos (17.1), e lhes apresenta uma série de pequenas considerações sobre o viver em comunidade cristã, nesses dez primeiros versos do capítulo 15. Em oposição à supremacia orgulhosa e presunçosa dos fariseus na sua comunidade religiosa, o Mestre ensina que na sinceridade da verdadeira comunidade cristã os seguintes princípios devem prevalecer: (1) cuidado em não sermos a razão de tropeço daqueles que são mais suscetíveis na fé. (2) sermos generoso com o perdão. O perdão que Jesus ensina é abrangente e inclui a exortação corretora. (3) Por mais que sintamos, como os apóstolos, que nossa fé é pequena, devemos utilizá-la e ela será efetiva. (4) A disposição de servir os outros deve ser o critério que prevalece sempre. Ainda que servir os outros demande nossos esforços, nada mais devemos desejar se não reconhecer que temos sido ser-

vos inúteis, nos limitando a fazer aquilo que era nosso dever de realizar.

Esses 10 versos iniciais do cap.17 podem parecer ensinamentos desconectados, mas quando atentamos para como os fariseus agiam, vemos que o Mestre também aqui está colocando um novo padrão para a comunidade religiosa fundamentada no evangelho que Ele estava trazendo.

Posteriormente, nos versos 9 a 14 do capítulo 18, Jesus reforça o contraste entre o religioso arrogante e presunçoso, personificado no fariseu dos dias de Cristo, e o verdadeiro cristão, apresentando a parábola do fariseu e do publicano. A empáfia do fariseu é escandalosa, quando ele orava, como diz o Mestre, para si mesmo: "*Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou dízimo de tudo quanto ganho.*" (18.11-12). O comportamento do cristão deve ser o de humildade, como o do publicano, pois "*todo que se exalta será humilhado, mas o que se humilha será exaltado.*" (18.14).

Prosseguindo na caminhada, entram em uma aldeia, e é ouvido o clamor de um grupo de leprosos que suplicavam por compaixão. A lepra era a terrível doença contagiosa que obrigava seus portadores a se isolarem do convívio de outras pessoas, pelo risco de contágio. Eles clamam à distancia, e Jesus os ouve e manda irem ao sacerdote para atestar sua purificação. O que Lucas ressalta nesse episódio e que, embora dez tenham sido curados, apenas um voltou para agradecer, e esse não era

judeu, mas samaritano. O que voltou recebeu a atuação completa de Jesus que lhe declarou: *“Levanta-te e vai, a tua fé te salvou.”* (17.18).

A partir do verso 20 desse capítulo 17 o ensino do Mestre versa sobre o reino de Deus. Mais uma vez, os fariseus interrogam Jesus, ele lhes responde e em seguida se volta para seus discípulos e usa o questionamento para ensinar-lhes mais a fundo. A expectativa a respeito da vinda do reino de Deus era parte integrante da profecia Messiânica. Como judeus e como religiosos, os fariseus aguardavam o momento em que a soberania divina dirigiria o povo, e pela atuação do Messias, a nação teria um esplendor de justiça e paz nunca antes visto. A questão era pertinente: Quando viria o reino de Deus? A resposta do Mestre transfere de volta aos interlocutores a responsabilidade pela vigência do reino de Deus aqui na terra: *“Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirá: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.”* (17.21).

Com seus discípulos, Jesus elabora mais a respeito da efetiva implantação do reino de Deus nos exortando sobre a imprevisibilidade da sua chegada que ocorrerá em surpresa no meio do desenrolar das atividades cotidianas. Dentro desse ensino, a advertência de Jesus nos versos 22-23 deve merecer nossa atenção especial nestes nossos dias, quando a demora pela chegada do reino nos pode levar a desejá-lo antes do tempo e assim seguirmos falsos alardes de sua chegada: *“Não vades nem os sigais; porque assim como o relâmpago, fuzilando brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.”* (17.22-23).

A parábola que segue, conhecida como a do juiz iníquo, registrada nos primeiros versos do cap.18 continua o ensino do Mestre a respeito da chegada do reino de Deus. A persistência da viúva para ter a

atenção do juiz, fez aquele homem atentar para sua causa, embora tal não estava em sua prioridade. Para ver-se livre da molestação da suplicante, o juiz decide atendê-la. Mais uma vez Jesus usa um exemplo mundano para nos ensinar a respeito de Deus. Embora nos pareça que Deus demora a fazer valer sua justiça, ela se estabelecerá. Nossa parte é continuar a esperar. Esperar com fé, para que quando vier o Filho do Homem, ache-nos O aguardando.

Depois, Jesus recebe as crianças que os discípulos queriam manter ao longe, e as coloca como exemplo para todos os que desejam entrar no reino dos céus.

A seguir, mais uma vez surge a oportunidade de ensinar sobre o perigo das riquezas materiais, quando um homem de posição que deseja ter o acesso à vida eterna, não consegue seguir a Jesus pelo seu apego aos muitos bens que possuía.

Os versos 31 a 34 desse capítulo 18 nos mostram o quanto os discípulos ainda não estavam conseguindo absorver tudo o que o Mestre lhes estava transmitindo. Se aproximando do final da viagem, Jesus exorta os doze a respeito do que logo se sucederia, em Jerusalém. Fala de sua prisão, sofrimento, morte e ressurreição. A apatia da reação dos doze é clara. Eles nada compreendem a respeito do que Jesus lhes alertava. Será apenas depois, relembrando retrospectivamente os acontecimentos é que se darão conta do que o Mestre lhes queria ensinar. Somos como eles. Por não estarmos sintonizados com o Mestre não entendemos o que Ele quer nos dizer. Não nos atemos aos alertas, e por isso nos afligimos e apavoramos quando as dificuldades se apresentam. Vamos atentar para o que Jesus nos quer ensinar, para todas as circunstâncias da vida, e vamos deixar que os ensinamentos do Mestre estejam firmados em nós.